

A AUTORIDADE DE CRISTO

Basta uma Palavra

A autoridade de Cristo e a fé que a reconhece

O centurião não admirou um milagre. Ele reconheceu o Rei.

Mateus 8:5-13

Sumário

Texto Bíblico

Contexto Histórico

Contexto Cultural

Contexto Teológico

Exposição

Cristo Revelado

Referências Cruzadas

Aplicações

Perguntas de Fixação

Diário Espiritual

Oração

Leitura Complementar

Texto Bíblico — Mateus 8:5-13

Tendo Jesus entrado em Cafarnaum, veio a ele um centurião, rogando-lhe: "Senhor, o meu servo jaz em casa, parálítico, horrivelmente atormentado." Disse-lhe Jesus: "Eu irei curá-lo." Mas o centurião respondeu: "Senhor, não sou digno de que entres debaixo do meu teto; dize somente uma palavra, e o meu servo será curado. Pois também eu sou homem sujeito à autoridade, e tenho soldados às minhas ordens; digo a este: Vai, e ele vai; e a outro: Vem, e ele vem; e ao meu servo: Faze isto, e ele o faz." Ouvindo isso, Jesus admirou-se e disse aos que o seguiam: "Em verdade vos digo que a ninguém encontrei em Israel com tamanha fé. Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente, e se assentarão à mesa com Abraão, Isaque e Jacó, no reino dos céus; mas os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes." Então disse Jesus ao centurião: "Vai; te seja feito assim como creste." E naquela mesma hora o seu servo foi curado.

Tradução livre para fins de estudo — confira com sua versão bíblica preferida

Contexto Histórico

Cafarnaum, à margem norte do mar da Galileia, era uma cidade de guarnição e alfândega na Via Maris, a rota comercial que ligava o Egito à Mesopotâmia. Um centurião ali estacionado comandava, nominalmente, cem soldados — mas na Galileia do início do século I, sob o governo de Herodes Antipas, esse oficial provavelmente não servia numa legião romana propriamente dita, e sim numa força auxiliar treinada nos moldes romanos, a serviço do tetrarca. Ainda assim, a estrutura de comando era genuinamente romana: uma cadeia rígida de ordens em que cada elo obedece ao elo acima e é obedecido pelo elo abaixo. É exatamente essa arquitetura de autoridade delegada — não a força militar em si — que o centurião trará para o centro do diálogo com Jesus. Ele não pede um milagre porque entende de doenças; ele reconhece uma autoridade porque entende de comando.

Contexto Cultural

Um rabino judeu que atravessasse a soleira da casa de um gentio se expunha, aos olhos da lei cerimonial tal como interpretada por muitos mestres da época, a uma forma de impureza ritual. O relato paralelo em Lucas 7 mostra anciãos judeus intercedendo pelo centurião junto a Jesus, alegando que ele "ama a nossa nação e nos edificou a sinagoga" — um gentio benfeitor, mas gentio ainda assim. É dentro dessa tensão que a resposta do centurião ganha peso: ele interrompe a própria oferta de Jesus ("Eu irei") para poupá-lo do constrangimento de entrar numa casa gentia. Num mundo romano estruturado em honra e status, onde um centurião ocupava posição de autoridade inquestionável sobre seus soldados, sua declaração "não sou digno" é radicalmente contracultural. Ele inverte a hierarquia social esperada: quanto mais autoridade ele próprio exerce, mais claramente enxerga que está diante de Alguém cuja autoridade não é da mesma ordem — é de outra categoria inteiramente.

Contexto Teológico

Mateus escreve para uma comunidade judaico-cristã, e todo o seu evangelho está organizado para responder a uma pergunta: quem é Jesus? Os capítulos 5 a 7 (o Sermão do Monte) estabelecem a autoridade de Cristo como intérprete final da Lei ("Eu, porém, vos digo..."). O capítulo 8 passa da palavra à ação, numa sequência deliberada de milagres que demonstram essa mesma autoridade sobre domínios cada vez mais amplos: sobre a impureza cerimonial (o leproso, 8:1-4), sobre a distância e o corpo de um gentio (o servo do centurião, 8:5-13), sobre a doença numa casa judaica (a sogra de Pedro, 8:14-15) e, logo em seguida, sobre a própria natureza (o mar embravecido, 8:23-27). O relato do centurião ocupa um lugar estratégico nessa progressão: é o primeiro sinal claro, em Mateus, de que a autoridade de Cristo não conhece fronteira étnica — antecipando, já no capítulo 8, o que só será plenamente declarado no capítulo 28: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra... fazei discípulos de todas as nações."

Exposição

A cena começa com um pedido comum — um oficial estrangeiro, angustiado, busca ajuda para um servo à beira da morte. Jesus responde com uma disposição imediata: "Eu irei curá-lo." É o centurião, e não Jesus, quem interrompe esse curso natural dos acontecimentos. Sua réplica ("não sou digno... diga somente uma palavra") não é um gesto de falsa modéstia; é uma peça de raciocínio teológico condensada em duas frases. Ele explica sua lógica com a única categoria que conhece bem: "Pois também eu sou homem sujeito à autoridade, e tenho soldados às minhas ordens." O argumento é a fortiori — se um homem *sob* autoridade consegue mover outros homens com uma simples palavra, quanto mais Aquele que está na origem de toda autoridade pode mover a doença, a distância e o próprio corpo do servo com uma palavra apenas. O centurião não pede um toque, uma visita, um rito. Ele pede uma palavra — porque entendeu, antes de qualquer discípulo naquele momento, que diante dele está Alguém cuja palavra não descreve a realidade: ela a governa.

A reação de Jesus merece atenção redobrada. O verbo grego por trás de "admirou-se" (*ethaumasen*) aparece apenas duas vezes nos evangelhos referindo-se a uma reação do próprio Jesus: aqui, diante da fé de um gentio; e em Marcos 6:6, diante da incredulidade dos seus conterrâneos em Nazaré. Mateus constrói, deliberadamente, um contraste: a maior fé que Jesus encontra em toda a sua peregrinação por Israel não está entre o povo da aliança, mas num soldado de um exército pagão. Por isso a advertência que segue — muitos virão do Oriente e do Ocidente para a mesa do reino, enquanto "os filhos do reino" serão lançados fora — não é uma nota lateral, mas o próprio ponto da narrativa: pertencimento étnico e religioso, sem fé que reconheça a autoridade de Cristo, não garante lugar algum no banquete messiânico. A cura, quando finalmente vem, é quase um anticlímax deliberado: "Vai; te seja feito assim

como creste. E naquela mesma hora o seu servo foi curado." Nenhuma viagem. Nenhum toque. Distância nenhuma resiste a uma palavra dita por Cristo.

Cristo Revelado

O centro de gravidade deste texto não é a fé notável de um centurião — é a autoridade absoluta de Cristo, revelada precisamente através dessa fé. Se terminarmos a leitura admirando o quanto o centurião "acreditou direito", perdemos o texto inteiro: a fé dele é significativa apenas porque aponta, com precisão cirúrgica, para quem Cristo realmente é. Ele não é o herói da cena. Ele é a única testemunha, naquele momento, que enxergou o herói corretamente.

E quem é esse Cristo cuja palavra basta? A Escritura já vinha respondendo essa pergunta muito antes de Mateus 8. Em Gênesis 1, Deus fala, e o que não existia passa a existir: "E disse Deus: haja luz; e houve luz" — a palavra divina não descreve, cria. João 1 revela que essa mesma Palavra (o Logos) "estava com Deus, e a Palavra era Deus... e o Verbo se fez carne, e habitou entre nós": Jesus de Nazaré é a Palavra criadora de Gênesis 1, agora vestida de carne humana, comendo, andando, ouvindo o pedido de um centurião. Colossenses 1 declara que "nele foram criadas todas as coisas... e ele é antes de todas as coisas, e nele subsistem" — Cristo não apenas criou o universo; ele o sustenta neste instante, inclusive as células do corpo daquele servo enfermo. Hebreus 1 é ainda mais direto: Cristo "sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder". A mesma palavra que basta para curar um parálítico à distância é a palavra que segura os átomos do cosmos coesos.

É essa identidade — e não o entusiasmo religioso do centurião — que explica por que uma frase basta. Mateus não deixa essa revelação presa a um episódio isolado: o reconhecimento que começa, embrionário, na boca de um gentio em Mateus 8, amadurece na confissão de Pedro em Mateus 16 ("Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo") e chega à sua declaração plena na boca do próprio Cristo ressuscitado, em Mateus 28: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra." O centurião não sabia que estava

antecipando a Grande Comissão; sabia apenas que, diante daquele homem, uma palavra bastava. E a Escritura termina exatamente onde essa autoridade chega à sua manifestação final: Apocalipse 19 mostra Cristo montado num cavalo branco, com o nome "Rei dos reis e Senhor dos senhores" gravado em sua veste, ferindo as nações com a espada que sai da sua boca — mais uma vez, a palavra como instrumento de domínio absoluto. Da palavra que cria (Gênesis 1) à Palavra que se encarna (João 1), da Palavra que sustenta o universo (Colossenses 1; Hebreus 1) à palavra reconhecida por um soldado gentio (Mateus 8) e confessada por um discípulo (Mateus 16), até a Palavra que retorna como Rei conquistador (Apocalipse 19) — é sempre a mesma Pessoa, sempre a mesma autoridade, do princípio ao fim das Escrituras. O centurião não inventou nada novo. Ele apenas viu, num lampejo de fé, o que toda a Bíblia já vinha dizendo: Cristo é digno de confiança absoluta porque a ele pertence autoridade absoluta. Se este estudo termina com você admirando a fé de um centurião romano, ele fracassou. Termina bem somente quando você fecha a página adorando Aquele a quem bastou dizer uma palavra.

Referências Cruzadas

Gênesis 1:3 — A palavra de Deus cria o que não existia — o padrão que se repete em Mateus 8.

João 1:1-14 — O Verbo que estava com Deus e era Deus se fez carne: a mesma Palavra criadora, agora encarnada.

Colossenses 1:15-17 — Nele foram criadas todas as coisas, e nele subsistem — Cristo sustenta o universo neste instante.

Hebreus 1:1-3 — Cristo sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder.

Mateus 16:13-18 — A confissão de Pedro amadurece o reconhecimento embrionário do centurião.

Mateus 28:18-20 — "Toda a autoridade me foi dada" — a declaração plena do que o centurião já intuía.

Apocalipse 19:11-16 — Cristo, Rei dos reis, fere as nações com a espada que sai da sua boca — a palavra como autoridade consumada.

Aplicações

A pergunta que este texto coloca não é "você tem fé suficiente?", mas "em que, exatamente, sua fé está apoiada?". O centurião não confiou na sua própria capacidade de crer; confiou na autoridade de Cristo, e essa confiança foi tão sólida que dispensou provas visíveis. Isso confronta duas tentações opostas: a de exigir sinais antes de confiar na palavra de Cristo revelada nas Escrituras, e a de tratar pertencimento religioso — estar dentro da igreja, crescer num lar cristão, conhecer a doutrina certa — como substituto para uma fé real que se apoia pessoalmente nessa autoridade. Os "filhos do reino" do texto tinham todo o histórico correto e, ainda assim, ficaram de fora. A aplicação não é "esforce-se para crer como o centurião", mas "examine sobre o que, de fato, sua confiança está apoiada quando a resposta de Deus para sua oração ainda não chegou visivelmente".

Perguntas de Fixação

1. O que este texto revelou sobre Cristo?
2. O que este texto revelou sobre mim?
3. Minha vida demonstra que realmente acredito na autoridade de Cristo, ou vivo, na prática, como se eu governasse minha própria história?
4. Em quais áreas eu ainda exijo ver para crer, em vez de confiar apenas na palavra de Cristo?
5. O que mudaria hoje se eu realmente acreditasse que Cristo possui toda autoridade no céu e na terra?

Diário Espiritual

Hoje Deus revelou...

O que aprendi sobre Cristo?

O que preciso entregar ao Senhor?

Como este texto confrontou meu coração?

Escreva uma oração.

Oração

Senhor Jesus, o centurião não precisou te ver entrar em sua casa para confiar na tua palavra — e eu, tantas vezes, exijo ver antes de crer. Tu és Aquele por quem todas as coisas foram feitas e em quem todas as coisas subsistem; uma palavra tua basta. Perdoa a minha fé pequena e a minha confiança nas minhas próprias categorias de controle. Ensina-me a dizer, como ele disse: dize somente uma palavra. Reina sobre cada área da minha história que eu ainda insisto em governar sozinho. Amém.

Leitura Complementar

Comentário sobre o Evangelho de Mateus — João Calvino

A Santidade de Deus — R. C. Sproul

O Conhecimento do Deus Santo — J. I. Packer